

PRÁTICAS NARRATIVAS E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: A POSSIBILIDADE DE DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS LIGADOS ÀS PROFISSÕES

NARRATIVE PRACTICES AND PROFESSIONAL GUIDANCE: A POSSIBILITY OF DECONSTRUCTION OF STEREOTYPES LINKED TO PROFESSIONS

RESUMO: Processos de Orientação Profissional de bases sistêmicas novoparadigmáticas e construcionistas, objetivam que seus participantes reflitam sobre si mesmos, sobre as relações e contextos que permeiam as questões de trabalho e de desenvolvimento, atreladas aos pedidos, às dificuldades e aos objetivos que expressam ao profissional. Este artigo propõe uma reflexão sobre a desconstrução de estereótipos construídos em torno de profissões, via pesquisa realizada em duas etapas: a) levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo e LILACS; b) pesquisa qualitativa com participação de 38 profissionais de diversas áreas, acessados por meio da técnica *snow ball*, que possibilitou compreender os estereótipos socialmente mantidos a respeito das profissões.

PALAVRAS-CHAVE: Orientação profissional, narrativas, estereótipos, profissões.

ABSTRACT: Processes of Professional Guidance, on new-paradigmatic and constructionist basis allow that their participants reflect on themselves, on relationships and contexts which permeate work and development issues, which are tied to the requests, difficulties and objectives which express to the professional. This article proposes a reflection on the importance of deconstructing stereotypes built around professions, and guided by a research done in two stages: a) bibliographic search in Scielo and LILACS databases; b) qualitative research with the participation of 38 professionals from different areas of knowledge, accessed through the *snowball* technique, which made possible to understand stereotypes socially kept concerning various professions.

KEYWORDS: Professional guidance, narratives, stereotypes, professions.

O trabalho, central na vida humana, constitui aspecto importante da identidade, contribui para a socialização de indivíduos e de famílias, e pode ser fonte de realização (Bernal, 2010; Lisboa, 1997). Por outro lado, quando em excesso ou em falta, permeado por más condições e por riscos na sua execução, o trabalho pode configurar-se como fator que contribui para o adoecimento (Goulart Júnior, Feijó, Cunha, Corrêa & Gouveia, 2013; Zanelli & Silva, 2008).

A Orientação Profissional (OP) caracteriza-se hoje como um processo que pode incrementar relações de trabalho e minimizar sofrimentos relacionados às escolhas futuras. Na medida em que procura atender demandas relacionadas a dúvidas, angústias e desejos de participantes, que enfrentam obstáculos (individuais, relacionais e contextuais) na construção de caminhos de vida, a OP pode ser preventiva se pautada em diálogos e reflexões sobre interesses, habilidades, valores, sonhos e perspectivas, e se promover a ampliação de conhecimento sobre profissões.

KAROL CONTI FRABETTI

Psicóloga, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, Brasil

CAROLINE THOMAZELLI

Psicóloga, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, Brasil

MARIANNE RAMOS FEIJÓ

Professora Assistente Doutora, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, Brasil, membro do grupo do CNPq/Unesp "Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT)"

MARIO LÁZARO CAMARGO

Professor Assistente Doutor, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, Brasil, membro do grupo do CNPq/Unesp "Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT)"

HUGO FERRARI CARDOSO

Professor Assistente Doutor, Universidade Estadual Paulista (Unesp), Bauru, Brasil, membro do grupo do CNPq/Unesp "Psicologia Organizacional e do Trabalho (POT)"

Recebido: 21-05-2015

Aceito: 01-10-2015

De acordo com uma visão sistêmica e novoparadigmática (Feijó & Macedo, 2012a), que no campo de OP também é nomeada como pós-moderna (Lehman, 2010), o profissional que a conduz deve, a partir de queixas, pedidos e motivações dos que o procuram, portanto de demandas, promover diálogos e reflexões sobre autoconhecimento, sobre o campo do trabalho e sobre os significados socialmente a ele atribuídos e mantidos (Sousa, Feijó, Camargo, Campos, Goulart Júnior & Cardoso, 2014), bem como sobre a rede de pessoas significativas que poderão apoiar e/ou questionar projetos de vida e escolhas profissionais dos participantes (Feijó & Marra, 2004).

Diálogos sobre cursos, outros meios de desenvolvimento pessoal e para o trabalho, formação e diferentes possibilidades de exercício profissional nos campos de interesse, geralmente enriquecem narrativas e, portanto, ocorrem com frequência em OP, um processo voltado ao bem-estar do participante, o incremento da visão crítica sobre si mesmo e sobre o que o cerca – logo, pode acarretar transformações individuais e sociais, que implicam mudanças na relação do participante com sua rede social pessoal, geralmente composta por familiares, amigos, vizinhos, colegas de estudo e de trabalho (Feijó, 2006; Sluzki, 1997). Nesse sentido, trata-se de processos de OP mais coerentes com as práticas e ideias propostas pelos Psicólogos do Trabalho na atualidade (Campos, 2008; Sampaio, 1998; Zanelli & Silva, 2008; Zanelli; Andrade-Borges & Bastos, 2014; Campos, Goulart Junior, Feijó & Camargo, 2014), que muito podem ser enriquecidas com a contribuição dos estudos narrativos e práticas novoparadigmáticas voltadas para o desenvolvimento humano, portanto para o fortalecimento de pessoas que buscam

a OP, da ampliação de sua autonomia e protagonismo (Feijó & Macedo, 2012a; White, 2007; Sousa *et al.*, 2014).

IDENTIDADE E DESENVOLVIMENTO HUMANO – ASPECTOS SOCIAIS, HISTÓRICOS E LINGÜÍSTICOS

Pautados na epistemologia construtivista e nos estudos do construcionismo social, diversos autores e publicações sustentam a ideia de identidade humana, em constante construção, que se dá nas relações e por meio da linguagem, ao longo da vida (Denborough & Ncube, 2011; Grandesso, 2000; Sluzki, 1997; White, 2007). Tal ideia coaduna com uma visão complexa do ser humano e de suas relações, processos e contextos de vida, e com a premissa de que as narrativas que os constroem são relacional e historicamente situadas e podem se transformar ou ampliar quando do engajamento em um processo dialógico, colaborativo e reflexivo.

De acordo com a visão de que o desenvolvimento humano é constituído nas e pelas relações sociais e históricas, o estudo de um fenômeno humano deve partir de suas múltiplas determinações. Os estereótipos construídos em torno das práticas profissionais e do trabalho, retratam movimentos e relações sociais humanas e contribuem para a propagação de expectativas e de valores. Sendo assim, o homem constrói a si mesmo e ao seu mundo. Ao falar em termos mais abrangentes, pode-se dizer que o homem, em sociedade, produz e reproduz culturas, saberes, valores, significados, construções humanas e modelos de organização, tais como: o modelo político-econômico, as tradições e rituais, os modos de produção de bens e serviços (Grandesso, 2000).

Na sociedade atual, globalizada, cujas relações são cada vez mais complexas, o conceito de trabalho também não é simples, e vai além de atividades que geram o sustento; está necessariamente atrelado aos conceitos de ciência, de ideologia e de sociedade; portanto, carrega significados associados à riqueza e produção (Bernal, 2010), e determina certas formas de divisão do trabalho e de campos de saber e de desenvolvimento, como a criação de especialidades.

A forma como a divisão do trabalho social foi construída ao longo do tempo implicou, cada vez mais, a criação de diversas áreas do conhecimento, fragmentadas em infindáveis microáreas. Um exemplo comum dessas fragmentações é a área médica, que se desdobra em especialidades cujos objetos de estudo são cada vez mais demarcados e específicos: neurologia, cardiologia, dermatologia, endocrinologia, gastroenterologia, genética médica, ginecologia, urologia, reumatologia, entre outras.

A amplitude do campo profissional e sua crescente especialização tem como contraponto um movimento mais recente de estímulo à conexão entre saberes (Grandesso, 2000) e de práticas multiprofissionais, o que, se por um lado aumenta as perspectivas de escolhas profissionais e de trocas, por outro, torna desafiador o acesso às múltiplas informações que podem ser úteis a quem procura a OP. São muitas as profissões, suas atividades e especificidades, assim como há inúmeras ideias pouco embasadas sobre as mesmas, que se propagam e mantêm. Quando investigados os pensamentos e sentimentos a respeito das profissões, encontram-se construções permeadas de ideologias e contradições, o que se chama de *ideias do senso comum ou estereótipos*. Assim, é pos-

sível pensar os estereótipos como estruturas de conhecimento social que pré-determinam atitudes reducionistas e frequentemente discriminatórias, para que ele seja passível de classificações. Essa simplificação, muitas vezes, reduz um fenômeno à sua aparência e contribui para a construção de discursos que podem limitar as escolhas profissionais, bem como desfavorecer as relações daqueles que exercem atividades pouco compreendidas ou valorizadas socialmente (Terra, Uchimura & Scopinho, 2012).

O individual passa a ser representado pelo coletivo de forma simplista, distorcida ou padronizada; um rótulo, portanto, uma valoração sobre uma pessoa ou um conjunto delas compreende o que são os estereótipos (Terra *et al.*, 2012). Estes são reflexos e ao mesmo tempo refletem desigualdades sociais – logo, diferenças que geram falta de equidade e discriminação (Feijó & Macedo, 2012b).

Biroli (2011) diferencia dois tipos de estereótipos: define o primeiro tipo como *esquemas simplificadores* e o segundo tipo como *representações falsas* da realidade. Consideramos, porém, que todo conhecimento é uma construção, portanto interdependente de quem a constrói, imerso em determinadas relações e contextos. Embora não adotemos uma compreensão representacionista da linguagem em que cabe a oposição realidade falsa/verdadeira, concordamos com Biroli (2011) que ideias sobre profissões permeadas de fantasias, de simplificações e de preconceitos podem ser desconstruídas quando alguém procura a OP e com isso deseja refletir sobre suas escolhas profissionais e de desenvolvimento.

A identidade, se vista como processo dinâmico e aberto, portanto interdependente em relação ao meio social

e composta por aspectos relacionados ao trabalho, é marcada por tais estereótipos. De forma cíclica, tal processo reforça e é reforçado por narrativas, como a de que a mulher é protetora e, por isso, mais engajada que o homem em profissões ligadas à saúde. Tais narrativas contribuem para a manutenção de estereótipos internalizados pelos próprios profissionais.

Conforme exposto anteriormente, estereótipos e internalizações não só dificultam as escolhas profissionais e a inserção no mercado de trabalho, como também as relações nesse campo. Além disso, prejudicam a visão de si mesmos de trabalhadores. O valor atribuído ao próprio trabalho depende da imagem social construída em torno deste, o que vale para a valorização ou desvalorização do trabalho de outrem.

Por tudo que foi acima exposto, em diferentes etapas da vida, a desconstrução de estereótipos profissionais é importante: na infância, quando a criança se encontra no início da construção de sua identidade, que depende e se relaciona com seres que trabalham; na juventude, quando se espera que o jovem estude e escolha uma profissão; e na vida adulta, com os que já a escolheram profissões, mas desejam refletir sobre elas e mudar o rumo de seu desenvolvimento e escolhas (portanto, adultos de todas as idades).

Escolher, processo nem sempre fácil, demanda preparo e muitas vezes enfrentamento de dificuldades. Na juventude, momento em que as transformações hormonais e corporais são intensas e as demandas por diferenciação e por mudanças familiares importantes (Cervený, 2011; Gabel & Soares, 2006; Macedo, Bruscin & Feijó, 2014), podem surgir dúvidas, angústias e conflitos. Condições materiais, desigualdades relacionadas a questões étnicas, de gênero, de esco-

laridade e de orientação sexual podem tornar ainda mais complexas as escolhas. Portanto, os estereótipos, não só profissionais, podem se configurar como obstáculos às escolhas e à visão de futuro dos jovens.

Este artigo visa a promover a reflexão sobre a importância de Orientadores Profissionais ampliarem a visão crítica a respeito dos significados atribuídos ao trabalho, aos diversos cursos de formação e seus muitos desdobramentos possíveis, para que contribuam para a desconstrução de estereótipos profissionais em atividades de OP. São meios por intermédio dos quais o profissional que conduz a OP facilita o diálogo, propõe reflexões e a construção de novas maneiras do orientando descrever a si mesmo, suas relações e escolhas, levando em conta seus contextos de vida. Alguns recursos, difundidos por profissionais que estudaram e que realizam práticas narrativas, são identificados como ricas possibilidades de desconstrução de estereótipos, nos processos de OP. A Árvore da Vida (Denborough & Ncube, 2011) e o Mapa das Redes (Feijó & Marra, 2014), associados a prática de Externalização (White 2007), aos Processos Reflexivos (Andersen, 1991) e de questionamento (Grandesso, 2000), podem ser usados por orientadores profissionais, em grupo ou individualmente, para a construção de narrativas permeadas de novas possibilidades a respeito de trajetórias e escolhas profissionais dos familiares e dos próprios orientandos. Além destes, outros recursos, muito utilizados na terapia familiar, com enfoque sistêmico novo-paradigmático, bases epistemológicas construtivistas e de bases teóricas construcionistas sociais, podem contribuir para a construção e desconstrução de narrativas em OP. Destaca-se o Mapa das Redes Sociais Pessoais (Sluzki, 1997), a Linha

de Tempo e o Genograma (Cervený, 2011), que em OP pode enfatizar dados profissionais, sendo também chamado de genoprofissiograma.

SOBRE A ETAPA INICIAL DE PESQUISA

Visando a uma melhor compreensão dos discursos e estereótipos sobre profissões foi realizado levantamento bibliográfico nas bases de dados SciELO* e LILACS**, de artigos publicados até a data da etapa inicial – portanto, dezembro de 2012.

Ao cruzarem os seguintes descritores as pesquisadoras encontraram: Estereótipo e Trabalho, 34 artigos, dos quais 3 consideraram relevantes; Estereótipo e Profissão, 2 artigos encontrados e 1 relevante; Estereótipo e Profissional, 2 artigos relevantes, de 18 encontrados; e Representação Social e Trabalho, 3 relevantes, de 26 artigos. Um artigo se repetiu nas duas primeiras buscas (Colpo, Camargo & Mattos, 2006). Não foram encontrados artigos quando utilizados os descritores Orientação Profissional e Estereótipos; Orientação Profissional e Representação Social; e Estereótipo de Representação; um dos artigos foi encontrado em duas buscas.

Foram consideradas relevantes as produções científicas que trouxessem dados sobre estereótipos profissionais e sobre outros estereótipos, tais como os de gênero e de classe, relacionados aos temas Orientação Profissional, trabalho e profissão. Segundo este critério, oito artigos foram incluídos na pesquisa. Os mesmos foram lidos na íntegra, sintetizados e organizados de acordo com as seguintes informações: Base de Dados, Autoria, Ano, Autores, Título e conteúdos principais com foco nos estereótipos, no trabalho e nas profissões. As principais contri-

buições destes para o presente estudo encontram-se a seguir.

O levantamento bibliográfico, apesar de mostrar a escassez de materiais que trabalhem de forma específica os estereótipos e a OP, trouxe contribuições a respeito de estereótipos que permeiam profissões como a de Enfermagem e a de Psicologia, e as construções de gênero relacionadas ao ato de dirigir. Além disso, impulsionaram a realização de pesquisa de campo sobre o tema (segunda etapa).

No que se refere a gênero, o estudo de Almeida, Lima, Albuquerque e Antunes (2005), sobre as relações das motoristas no trânsito, tratou do que estes pensam de si mesmos e do outro sexo. Embora não tenha sido feito com motoristas profissionais, esse trabalho se mostra relevante por apontar construções de gênero que permeiam relações sociais, inclusive de trabalho. Para os homens, as motoristas são mais atenciosas e disciplinadas, dirigem com mais atenção e prudência, mas são lentas no trânsito. As mulheres se percebem como mais cautelosas e menos imprudentes e, por seguirem às normas de trânsito, provocam menos acidentes. Sobre eles mesmos, os homens deixam clara a ideia de virilidade, o que condiz com a imagem masculina propagada na mídia, a de “super-homen”. Participaram do estudo 84 motoristas, sendo 42 homens e 42 mulheres. No que se refere à profissão de Enfermagem, Colpo *et al.* (2006) discutem a questão da Internet como principal meio de veiculação de uma imagem estereotipada da enfermeira enquanto objeto sexual. Encontraram, em sites de buscas, com destaque aos que oferecem imagens e figuras, arquivos que traduzem a profissional de forma erotizada e depreciativa, “instigando o leitor a referenciá-la como objeto sexual” (p. 70).

* SciELO (Scientific Electronic Library Online), disponível no site: <http://www.scielo.br/>.

** LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, disponível no site: <http://www.lilacs.br/>).

Outro aspecto ressaltado pelos autores diz respeito à contradição da identidade profissional, ora como caricatura de “anjo branco” (lado sagrado cristão), ora como uma prostituta (lado profano), evidenciando a fragilidade moral de sua imagem.

Sousa (2000) estudou a percepção social dos traços de personalidade (pessoais e profissionais) atribuídos ao profissional da enfermagem e salientou que a percepção dos sujeitos em relação à função do enfermeiro remete a fatores de higiene corporal e assepsia, além da competência para o cumprimento da função. Demonstrou, ainda, que os sujeitos veem os enfermeiros como medianamente intelectuais e com certo grau de insatisfação emocional. Por fim, a autora compreende que os sujeitos dificilmente percebem, nos enfermeiros, fatores negativos de forte cunho emocional (odioso) e qualidades negativas da função (irresponsável, desonesto, desonroso e inútil).

Em estudo sobre a identidade profissional do enfermeiro e sua autoestima, Zamorano e Pabón (2008) tratam da distorção transmitida por meio da história e ainda difundida nos atuais meios de comunicação. O exercício da enfermagem é geralmente associado à mulher, vista como um ser maternal dedicado a cuidar, consolar e alimentar os filhos e os doentes. Tais atividades da mulher (figura que “incitava o pecado da carne”) eram consideradas “inatas”, sendo a prática da enfermagem movida pela caridade e pelo instinto materno. Exemplos comuns disso são a apresentação da enfermeira em campanhas publicitárias, de forma erotizada, com roupas minúsculas, ou em hospitais, cumprindo ordens médicas.

A influência do uso da internet por jovens na construção de estereótipos sobre a profissão de enfermagem foi

apontada por Fonseca e Silva (2012). Os autores avaliaram que, antes do acesso ao *website* DESCUBRAENFERMAGEM! (acessado via: <http://www.expertu.com.br/ligia/>), a profissão do enfermeiro era vista como de valorosa ajuda e compreensão, mesclada com a imagem de bondade, calma, abnegação, doação, negação do ego, pouca remuneração, desempenho de atividades de menor valia. Houve, ainda, a referência do enfermeiro como “auxiliar de médico”. Após o acesso ao *website* (onde os jovens tiveram contato com vários campos e papéis de atuação do enfermeiro) e movimentos de construção e reconstrução nos discursos iniciais foram identificados por Fonseca e Silva (2012), que evidenciaram, por exemplo, que os adolescentes discutiam consigo mesmos durante a tentativa de elaborar uma nova imagem do enfermeiro. Novas comparações foram feitas ao papel do médico, não mais no sentido de o enfermeiro “auxiliá-lo”, mas no sentido de valorização da primeira, atribuindo a mesma importância a ambas as profissões.

Sobre o trabalho do psicólogo, Praça e Novaes (2004) apresentam um sumário dos principais resultados de uma pesquisa realizada em 1999, com 375 estudantes universitários do penúltimo ano de cursos de graduação da área da saúde de uma universidade do Rio de Janeiro. Foi identificado que a maioria das respostas sobre a categorização da psicologia revela uma imagem da profissão como o estudo dos comportamentos e fenômenos psicológicos, sendo ambos compreendidos como parte de algo intrínseco ao homem. Houve ainda a identificação da prática como função assistencialista e como revestida de uma onipotência capaz de resolver a vida e as relações das pessoas, o que, para os autores, mostrou que existe uma psicologiza-

ção da vida cotidiana, sendo o psicólogo visto como um profissional que nada tem a ver com a dimensão sócio-histórica da sociedade. Apesar disso, foram apontados diversos locais de trabalho do psicólogo: hospital, escola, clínica e presídio (em alto índice) e condomínio, sindicato, igreja e centro espírita, demonstrando o reconhecimento da contribuição que o psicólogo pode oferecer em diversos contextos sociais. Os objetivos profissionais que receberam maior destaque foram a melhoria da qualidade de vida e a promoção da saúde.

PROCEDIMENTO DE COLETA DE DADOS E RESULTADOS DA PESQUISA

Esta segunda etapa da pesquisa, de abordagem qualitativa, contou com a participação de 38 profissionais de diversas áreas do conhecimento, os quais aceitaram o convite para responderem às perguntas de um questionário estruturado. Utilizamos, para essa coleta de dados e acesso aos participantes, a técnica intitulada *Snow Ball* (Bola de Neve), que consiste em um processo de captação de participantes por meio de um processo em cadeia, em que, tal qual orientam Silva *et al.* (2015) e Patton (2002), o primeiro participante indica o segundo, este indica o terceiro e assim sucessivamente.

O questionário, enviado por meio de mensagens privadas em uma rede social, continha quatro perguntas abertas: a) O que define sua profissão (ou curso)? Como você a descreveria? b) Você acredita que as pessoas têm conhecimentos sobre essa profissão? c) Existem preconceitos e impressões errôneas em relação a essa profissão? Se sim, que exemplos você poderia citar? d) Você conhece algum trabalho ou pesquisador que fale sobre esse assunto?

A pesquisa contou com 38 participantes distribuídos em diferentes formações e atividades profissionais: 02 administradores, 02 advogados, 01 analista pleno de sistemas de informação, 01 fotógrafo, 01 comerciante, 03 publicitários, 02 designers, 01 educador físico, 01 educadora especial, 01 engenheiro agrônomo, 01 engenheiro biofísico nuclear, 01 executivo de vendas, 02 fisioterapeuta, 01 professor de educação infantil, 01 marketing, 10 psicólogos, 02 químicos, 01 radialista, 01 sacerdote, 01 secretário executivo bilíngue, 01 técnico em qualidade e 01 vendedor. Todos os participantes afirmaram que existem impressões erradas e preconceitos em relação à sua profissão, área de formação ou exercício profissional, como mostram trechos de respostas de alguns participantes da pesquisa, a seguir sintetizados e organizados, por profissões.

PRINCIPAIS RESULTADOS E REFLEXÕES PERTINENTES À SEGUNDA ETAPA DA PESQUISA

Os administradores pesquisados afirmaram que *as pessoas acreditam que é um curso totalmente voltado para exatas e que quem faz esse curso geralmente é chato. Pensam que se trata, apenas, de ficar “mandando”, enquanto descrevem sua formação como uma formação generalista que dá grande base para o formador, pensando com foco em resultados, desenvolvimento de pessoas e das empresas. Exige organização e orientação.*

Um dos advogados participantes da pesquisa acredita que *as pessoas não conhecem, realmente, a profissão, enquanto o outro participante acredita que conhecem, mas não dão a devida importância. Este segundo profissional afirmou que as pessoas acham que não precisam de um advogado, até que as*

coisas se complicam; apenas depois disso procuram o profissional, esperando que ele faça milagres e o considerando incompetente, caso não faça. Muitas vezes deixam de pagar o serviço prestado, ou pagam com atraso, ou reclamam dos honorários caros. Sempre querem informações gratuitas. Sobre os estereótipos, um dos participantes acredita que as pessoas, ao pensarem no profissional, afirmam o “clichê” que todo advogado é mentiroso e não vale nada.

O analista de sistemas disse que as pessoas não sabem o que é a profissão e que as impressões errôneas são ocasionadas pela falta de informação. Como exemplo, disse que algumas pessoas pensam que o profissional deve saber “formatar um computador”, “consertar a impressora” ou “arrumar a Internet”, pelo fato de ser um profissional de TI (Tecnologia da Informação), independentemente de sua área de atuação.

O fotógrafo afirmou que as pessoas, de modo geral, conhecem a profissão, mas que taxam o fotógrafo de folgado, que não gosta de trabalho pesado. Dizem que é um profissional mulherengo, por estar envolvido com pessoas bonitas e modelos.

Sobre os estereótipos, designers disseram que muitos os julgam como frágeis e afeminados e que as pessoas também dão pouco valor à profissão por acharem que são desenhistas cujo trabalho é desnecessário. Para este, alguns os enxergam como “fazedores” de artes e que qualquer pessoa com conhecimentos sobre os softwares de desenho pode fazer seu trabalho, sem formação acadêmica.

O educador físico destacou que as pessoas não conhecem a profissão, atribuindo a ela um caráter recreacionista, dizendo que os graduandos só brincam na universidade e não têm objetivos de vida. Mencionou, ainda, o mito criado nas escolas de que a educação física é a “hora do lazer”.

O educador especial afirmou que as pessoas desconhecem essa profissão e acabam achando que é mais uma “caridade” do que profissão e dizem ser uma profissão “bonita”

O engenheiro agrônomo disse as pessoas julgam que os profissionais desse meio são sem cultura.

O executivo de vendas salientou que, em sua empresa, sua profissão ainda não é reconhecida, mas no mercado de trabalho, sim. Sobre os estereótipos, acredita que as pessoas descrevem o profissional como uma pessoa que só quer vender, só pensa em lucros, sem entender a real necessidade do cliente.

Os fisioterapeutas afirmaram que as pessoas ligam suas funções apenas à estética, massagem e acupuntura, chamando-os, inclusive, de massagistas.

A professora de educação infantil disse que é uma profissão apaixonante, mas que as pessoas acham que elas são babás, cuidando apenas da integridade física das crianças.

O profissional de marketing ressaltou que a maioria das pessoas desconhece sua prática. Quanto aos estereótipos, disse que os profissionais de marketing são taxados como enganadores.

Os psicólogos afirmaram que as pessoas encaram esses profissionais como pessoas que cuidam dos loucos, que resolvem tudo, que sabem tudo, que são loucos. Disseram que, muitas vezes, o psicólogo é colocado em uma situação de segundo plano em comparação ao psiquiatra, sendo que suas funções são completamente diferentes. Também taxam o psicólogo como uma pessoa que lê a mente, que analisa a todos em todos os momentos e que não pode cometer erros, já que são psicólogos.

Os publicitários disseram que as pessoas não conhecem a profissão e os consideram “doidos” e acreditam que o publicitário precisa ser extremamente criativo para trabalhar na área e, obri-

gatoriamente, tem de saber trabalhar com softwares. Acham que é uma profissão que exige menos dedicação, por considerarem-na “fácil” – talvez pelo fato de lidar com vendas de produtos e serviços. Para eles, essas pessoas, entretanto, não conhecem a real ligação entre a empresa e o consumidor.

O recorte do estudo que norteou estas reflexões evidenciou que os estereótipos não estão restritos a uma ou outra área profissional e que o orientador profissional deve, sempre que possível, ampliar as suas práticas, no sentido de gerar uma reflexão que possibilite a ressignificação não só por aqueles que procuram a OP, mas também por pessoas que já estão inseridas no trabalho e que, muitas vezes, por não compreenderem seu papel e o de outros profissionais à sua volta, podem contribuir para a corroboração ou a construção de identidades profissionais pautadas em estereótipos – posto que dada a intensidade de sua presença é quase inevitável não ser pelos mesmos de alguma maneira tocado e/ou influenciado – o que pode afetar sua autoestima, o sentido atribuído ao trabalho e as relações.

A ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E A DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS

O campo da OP muito desenvolveu-se nas últimas décadas (Lehman, 2010; Soares, 2000; Sparta, 2003) e atualmente vem sendo visto por alguns profissionais como oportunidade de construção de ideias sobre projetos de vida, desenvolvimento e trabalho, junto daqueles que participam de projetos de OP, aqui identificados por orientandos.

Apesar de muito ter se modificado nas práticas de OP, o que inclui a forma de identificá-las não mais como “orientação vocacional”, mas sim profissio-

nal, sabe-se que chamar os profissionais de orientadores e os participantes de orientandos, ajuda a descrever tais práticas, mas ainda não traduz a construção conjunta de significados que as mesmas objetivam. Os processos atuais de OP, inclusive por influência de profissionais que atuam segundo a visão sistêmica, geralmente são planejados a partir de demandas dos que procuram o serviço, o que implica na seleção e aprofundamento de temas conforme o andamento do processo (Almeida *et al.*, 2014). Ainda assim, é comum a necessidade de que sejam realizadas atividades de integração e de favorecimento de vínculo nos processos de OP grupais, reflexões sobre si mesmo (autoconhecimento), e sobre a família, incluindo as necessidades e expectativas da mesma em relação às escolhas do orientando, atividades voltadas para a reflexão sobre alguns significados socialmente construídos em torno do que é sucesso na vida e na profissão, bem-estar, saúde e qualidade de vida.

Alguns processos de OP, especialmente aqueles realizados com jovens e com adultos em diferentes etapas de vida e de carreira, resultam na construção de um projeto de vida, que serve como norteador para a tomada de decisões, mas muda com o desenvolvimento do orientando e com novos acontecimentos de sua vida. Para tal, geralmente se discute aspectos que constituem nossas escolhas. Reflexões sobre sonhos e possibilidades futuras, valores, história de vida, condições socioeconômicas do orientando e de sua família, ideologias dominantes que afetam a visão de si mesmo e as relações sociais, que incluem as relações de trabalho, são realizadas como forma de fortalecer o orientando e suas escolhas. (Acuna *et al.*, 2014).

Desta forma, tem-se ampliado o que se chamava de orientação vocacional,

atividade que tinha como foco contribuir para a escolha de uma profissão, geralmente de um jovem, e pautada no uso de testes psicométricos. Além disso, focos de discussão e de reflexão priorizados por autores que nos antecederam nas práticas de OP, vêm sendo associados e aprofundados de acordo com necessidades apontadas por cada participante ou grupo, de acordo com a etapa do ciclo vital individual, familiar e de carreira deste, das relações, processos e contextos relevantes para o mesmo.

Contribuições de Bohoslavsky (2003) e do modelo clínico de OP, sobre a importância do desejo do orientando em relação à própria vida e suas escolhas, continuam sendo consideradas pelos profissionais de OP, que hoje associam a tal questão a importância de se conhecer histórias e relações familiares e de amizades para a construção de caminhos validados para o orientando.

Os modelos informacionais em OP, também contribuíram para o campo, na medida em que ressaltaram que o conhecimento sobre trabalho, profissões, cursos de formação e meios de acessá-los pode ser de fundamental importância para aqueles que demandam a inserção no trabalho ou a revisão de escolhas e experiências prévias. Sabe-se porém, que a maioria das pessoas que procura a OP, se encontra com dúvidas, angústias e dificuldades de reconhecer e de afirmar suas escolhas diante de quem os cerca, familiares, amigos, professores, que por sua vez tem suas ideias preconcebidas sobre projetos de vida e trabalho. Assim, somente informar, costuma ser pouco. É preciso desconstruir estereótipos, como os acima estudados, e promover espaço para autoconhecimento e reflexão.

Há que se abordar também, as contribuições de Bock (2006) como representante da abordagem sócio-histórica em OP, que enfatiza a importância

da construção do pensamento crítico pelos orientandos, cujas tomadas de decisão e elaboração de ações devem levar em conta as relações homem-trabalho na atualidade e suas prerrogativas históricas.

De acordo com uma visão sistêmica e complexa, portanto novoparadigmática da OP, podemos descrevê-la como uma prática, que pode ser realizada em diferentes etapas de vida e de carreira, que por meio do diálogo e do uso de atividades que ampliem a reflexão e as narrativas sobre projetos e decisões de vida, que atendam às necessidades daqueles que por esta procuram, individualmente, em famílias ou em grupos. São comuns as demandas relacionadas à compreensão da importância do trabalho e da desconstrução dos estereótipos construídos na infância, angústias, dúvidas e conflitos familiares próximo ao término do ensino médio ou diante da perspectiva de significativas mudanças profissionais, em etapas pré ou pós aposentadoria.

A desconstrução de estereótipos associados às profissões e àqueles que as exercem tende a ser importante em todos os processos de OP, na medida em que pode ampliar possibilidades de escolha, de reconhecimento e de legitimação de pessoas, de seus desejos, habilidades e percursos profissionais.

Os pressupostos narrativos de que não há apenas um caminho, uma verdade ou uma forma de indivíduos buscarem seu bem-estar, sua saúde e o que mais lhes importar para o viver, estão com a proposta de OP acima apresentada, que muito se assemelha à OP na pós-modernidade descrita por Lehman (2010) e segundo a qual apesar das diferenças entre os diversos estágios da OP (Informativo, Psicométrico, Clínico e Político e Social), o que se busca é ajudar o orientando a escolher, considerando-o imerso em contextos

que o afetam e por ele são afetados, como o familiar, o educacional e o profissional, por exemplo.

As práticas narrativas podem contribuir para tal desconstrução, na medida em que por meio do diálogo e da reflexão com o orientador, os orientandos possam fortalecer a visão de si mesmos, que inclui o reconhecimento de sonhos, habilidades e competências que desejam levar em conta nas suas escolhas, bem como a possibilidade de apresentarem seus planos e decisões àqueles que lhe são significativos.

Neste sentido, compreende-se que formas de perguntar e de afirmar (Grandesso, 2000; Soares, 1996), processos reflexivos (Andersen, 1991), a compreensão narrativa da identidade (White & Epston, 1990) sobre questões tais como quem são, o que sentem, o que querem, o que necessitam e com quem contam (Feijó & Marra, 2004) são muito úteis ao processo de orientação profissional, possibilitando, para além da desconstrução dos estereótipos, a amplitude da qualidade do próprio processo e seus significados por meio do favorecimento do protagonismo do orientando, da apresentação de uma visão mais dinâmica do que estática e linear das profissões e carreiras, da desconstrução de estereótipos relacionados ao trabalho (ainda muito marcado por dicotomias e antagonismos como prazer-desprazer, sofrimento-realização, mão-de-obra braçal X intelectual; operacional x estratégico); e da sinalização para a existência de novos modelos de OP (em contraponto aos já existentes e considerados tradicionais).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas narrativas em orientação profissional podem ser muito úteis ao processo de desconstrução e de fortalecimento de trabalhadores e estudantes, o que pode resultar na ampliação de sua autonomia de escolha e desconstrução de estereótipos relacionados às profissões.

Grupos reflexivos nas organizações e grupos reflexivos sobre trabalho e profissões nas comunidades e escolas, entre outras atividades, podem, assim como a Orientação Profissional, propiciar a desconstrução de estereótipos. Em tais atividades, técnicas e recursos narrativos, como a Árvore da Vida (Denborough & Ncube, 2011) e o Mapa das Redes (Feijó & Marra, 2014), associados aos processos de questionamento e de Investigação Apreciativa (Cooperrider *et al.*, 2005), aumentam a autonomia dos envolvidos e geram novas narrativas e possibilidades de vida e de escolha.

Nos grupos reflexivos, quando utilizadas técnicas de representação gráfica a respeito do participante, de sua vida, das relações e contextos que o envolvem, tais como a Árvore da Vida e de Mapa das Redes Culturais, é importante que se façam também perguntas reflexivas (Grandesso, 2000). Por meio de perguntas sobre quem são, o que carregam consigo, sobre pessoas que lhes são significativas (rede social pessoal), valores e sonhos construídos, dificuldades encontradas e por vezes compartilhadas, os participantes/orientandos podem identificar suas raízes (culturais, familiares), as possibilidades de apoio e de legitimação, para a construção de caminhos que desejarem seguir – portanto, projetos de vida alinhados à identidade que constroem socialmente, o que inclui a percepção sobre seus conhecimentos, suas habilidades e competências.

Profissionais, especialmente os que trabalham com OP, devem também incentivar a busca por informações sobre as profissões em fontes fidedignas (como: guias de profissões; *websites* de

Descritores: "ESTEREÓTIPO" e "TRABALHO" [todos os índices]				
Artigos encontrados: 34 // Artigos relevantes: 03				
Base de dados	Título	Autoria	Ano	Relevante
LILACS	Imagens e significado e o processamento dos estereótipos	Pereira, Marcos Emanuel; Ferreira, Fernanda de Oliveira; Martins, Aretha Henrique; Cupertino, Cleciane Morosino	2002	Sim
LILACS	A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia; um assédio a profissão	Colpo, Julio Cesar; Camargo, Vânia Carla; Mattos, Simey Ariane	2006	Sim
LILACS	A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários	Formiga, Nilton Soares; Camino, Leoncio	2001	Sim*
Descritores: "ESTEREÓTIPO" e "PROFISSÃO" [todos os índices]				
Artigos encontrados: 02 // Artigos relevantes: 01				
LILACS	A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão	Colpo, Julio Cesar; Camargo, Vânia Carla; Mattos, Simey Ariane.	2006	Sim
Descritores: "ESTEREÓTIPO" e "PROFISSIONAL" [todos os índices]				
Artigos encontrados: 18 // Artigos relevantes: 02				
LILACS	Identidad profesional en enfermería: un reto personal y profesional	Zamorano Pabón, Ingrid Carolina	2008	Sim
Descritores: "REPRESENTAÇÃO SOCIAL" e "TRABALHO" [com filtro]**				
Artigos encontrados: 26 // Artigos relevantes: 03				
SciELO	A representação social do trabalho do psicólogo	Praça, Kátia B. Diamicco; Novaes, Heliane G. Vieites	2004	Sim
SciELO	As relações de gênero e as percepções dos/das motoristas no âmbito do sistema de trânsito	Almeida, Nemésio Dario Vieira de <i>et al.</i>	2005	Sim
LILACS	Desafiando a imagem milenar da enfermagem perante adolescentes pela internet: impacto sobre suas representações sociais	Fonseca, Ligia Fahl; Silva, Maria Júlia Paes da	2012	Sim

instituições de ensino; revistas especializadas; órgãos classistas como por exemplo os conselhos federais e regionais das profissões já reconhecidas e regulamentadas) e, preferencialmente, por meio de entrevistas feitas pelos participantes, com profissionais cujas áreas lhes interessem conhecer. Perguntas sobre formação, escolhas profissionais e diferentes possibilidades de exercício profissional, de renda e condições mais comuns de trabalho podem ajudar na interlocução entre o participante de OP e os profissionais entrevistados, ampliando a gama de pontos de vista sobre profissão e exercício profissional.

REFERÊNCIAS

Acuna, T., Donegá, N., & Feijó, M. R. (2014). Construção de projeto de

vida: conhecendo os determinantes da escolha. In D.C. Campos, E. Goulart Junior, M. Feijó, & M.L. Camargo (orgs.). *Experiências de formação em psicologia organizacional e do trabalho: práticas em gestão de pessoas, saúde do trabalhador e orientação profissional*. Bauru: Joarte.

Alves, T. (2009). Profissões Sociais e Gênero: Perspectivas em torno do debate sobre serviço social e profissões femininas. *Locus Social*, 2, 21-28.

Almeida, D., Serrano, A., & Feijó, M. R. (2014). Orientação profissional em grupo de estudantes formados e trabalhadores recém-formados: um relato de experiência. In D.C. Campos, E. Goulart Junior, M. Feijó, & M.L. Camargo (orgs) *Experiências de formação em psicologia organizacional e do trabalho: práticas em gestão de*

* artigo não disponível em versão online

** Como a busca com estes descritores retornou um número superior a 150 artigos, no SCIELO o filtro permaneceu em "todos os índices", mas, no LILACS, foram selecionados os filtros: Enfermagem, Saúde do Trabalhador, Doenças Profissionais, Condições de Trabalho, Local de Trabalho, Comunicação, Absenteísmo, Emprego e Relações Interpessoais.

- peças, saúde do trabalhador e orientação profissional. Bauru: Joarte.
- Almeida, N. D. V., Lima, A. K. B., Albuquerque, C. M., & Antunes, L.** (2005). As relações de gênero e as percepções dos/das motoristas no âmbito do sistema de trânsito. *Psicol. Cienc. Prof.*, 25(2), 172-185.
- Andersen, T.** (1991). *Processos reflexivos*. Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Bernal, A. O.** (2010). O significado do trabalho na sociedade contemporânea. In A. O. Bernal. *Psicologia do trabalho em um mundo globalizado: como enfrentar o assédio psicológico e o estresse no trabalho* (pp. 13-35.). Porto Alegre: Artmed.
- Biroli, F.** (2011). Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, 6, 71-98.
- Bock, S. D.** (2006). *Orientação profissional: a abordagem sócio-histórica*. 3. ed. São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R.** (2003). *Orientação Vocacional: a estratégia clínica*, 11ª edição, São Paulo: Martins Fontes.
- Campos, D. C.** (2008). *Atuando em psicologia do trabalho, psicologia organizacional e recursos humanos*. São Paulo: LTC.
- Campos, D. C., Goulart Junior, E., Feijó, M. R., & Camargo, M. L.** (2014). *Experiências de formação em psicologia organizacional e do trabalho: práticas em gestão de pessoas, saúde do trabalhador e orientação profissional*. Bauru: Joarte.
- Cooperrider, D., Sorensen, P., Yaeger, T., & Whitney, D.** (2005). *Appreciative Inquiry: Foundations in Positive Organization Development*. Champaign: Stipes Publishing.
- Christovam, A. R., Thomazelli, C., Frabetti, K. C., & Moretto, L. A.** (2012). Educação para a Sexualidade: intervenção em um grupo de adolescentes assistidos pelo CRAS, a partir do conhecimento de suas representações sociais em relação às DST/AIDS. *Educação em Revista*, 13(1), 97-114.
- Cerveny, C.** (2011). *A família como modelo*. 2ª ed. São Paulo: Livro Pleno.
- Colpo, J. C., Camargo, V. C., & Mattos, S. A.** (2006). A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. *Cogitare Enferm*, 11(1), 67-72.
- Denborough, D., & Ncube, N.** (2011). Atendendo crianças que vivenciaram traumas: a árvore da vida. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 39, 92-101.
- Feijó, M. R.** (2006). Família e Rede Social. In C. M. O. Cerveny (Org.). *Família e Narrativas* (pp. 233-255). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Feijó, M. R., & Macedo, R. M. S.** (2012a). Família e práticas para o desenvolvimento humano e social. In C. M. O. Cerveny (Org). *Família e Intergeracionalidade* (pp. 237-253). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Feijó, M. R., & Macedo, R. M. S.** (2012b). Gênero, cultura e rede social: a construção social da desigualdade de gênero por meio da linguagem. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 44, 105-107.
- Feijó, M. R., & Marra, C.** (2004). Mapa das Redes Culturais: um instrumento para o trabalho com casais e famílias em contexto de migração. *Família e Comunidade*, 1(2), p. 27-42.
- Fonseca, L. F., & Silva, M. J. P.** (2012). Desafiando a imagem milenar da enfermagem perante adolescentes pela internet: impacto sobre suas representações sociais. *Cienc. Cuid. Saúde*, 11(sup.), 54-62.
- Formiga, N. S., & Camino, L.** (2001). A dimensão do inventário de papéis sexuais (BSRI): a masculinidade e feminilidade em universitários. *Rev. Estudos de Psicologia (Campinas)*, 18(2), 41-49.

- Gabel, C. L. M., & Soares, D. H. P.** (2006). Contribuições da terapia familiar sistêmica para a escolha profissional. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 7(1) 57-64.
- Goulart Júnior, E., Feijó, M. R., Cunha, É. V., Corrêa, B. J., & Gouveia, P. A. E. S.** (2013). Exigências familiares e do trabalho: um equilíbrio necessário para a saúde de trabalhadores e organizações. *Pensando famílias*, 17(1), 110-122.
- Grandesso, M.** (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lehman, Y. P.** (2010). Orientação profissional na pós-modernidade. In R. S. Levenfus, & D. H. P. Soares (Orgs.). *Orientação vocacional ocupacional* (2 ed., pp. 19-30). Porto Alegre: Artmed.
- Lisboa, M. D.** (1997). Ser quando crescer... A Formação da Identidade Ocupacional. In R. S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional* (p. 109-122). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Macedo, R. M., Bruscajin, C., & Feijó, M. R.** (2014). Terapia Familiar com jovens – visão sistêmica. In G. Castanho, & M. L. D. Garcia (Orgs.). *Terapia de Família com adolescentes*. São Paulo: Roca.
- Pereira, M. E., Martins, A., Cupertino, C., & Ferreira, F.** (2002). Imagens e significado e o processamento dos estereótipos. *Rev. Estudos de Psicologia*, 7(2), 389-397.
- Patton, M. Q.** (2002). *Qualitative Research and Evaluation Methods*. 3ª Ed. Saint Paul: Sage Publications.
- Praça, K. B. D., & Novaes, H. G. V.** (2004). A representação social do trabalho do psicólogo. *Psicol. cienc. prof.*, 24(2), 32-47.
- Sampaio, J. R.** (1998). Psicologia do trabalho e gestão de recursos humanos: estudos contemporâneos. In J. R. Sampaio. *Psicologia do trabalho em três faces* (pp. 20-40). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Siva, M. M., Frutuozo, J., Feijó, M. R., Valério, N. V., & Chaves, U. H.** (2015). Família e Orientação Sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, 23(3). (Prelo)
- Sluzki, C.** (1997). *A rede social na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soares, D. H.** (2000). As diferentes abordagens em Orientação Profissional. In: Lisboa, M. D., & Soares, D. H. P. (Orgs.) *Orientação profissional em ação: formação e prática de orientadores*. São Paulo: Summus.
- Sparta, M.** (2003). O Desenvolvimento da Orientação Profissional no Brasil. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 1-11.
- Sousa, F. A. E. F.** (2000). Percepção social do enfermeiro. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, 8(1), 31-34.
- Sousa, R. J. G., Feijó, M. R., Camargo, M. L., Campos, D. C., Goulart Junior, E., & Cardoso, H. F.** (2014). Projeto de Extensão Universitária em Orientação Profissional (OP) para jovens: uma parceria entre universidade e instituição formadora de aprendizes. *Revista Raízes e Rumos*, 2(2), 1-11.
- Suares, M.** (1996). *Mediación*. Conducción de disputas, comunicación y técnicas. Buenos Aires: Paidós
- Terra, E. F., Uchimura, J., & Scopinho, R. A.** (2012). A exposição de estereótipos do secretário executivo veiculados pela mídia. *Linguagem Acadêmica*, 2(1), 73-91.
- Zamorano P. I. C.** (2008). Identidad profesional en enfermería: un reto personal y profesional. *Invest. educ. enferm.*, 26(2, sup.), 168-171.

Zanelli, J. C., & Silva, N. (2008). *Interação humana e gestão: a construção psicossocial das organizações de trabalho*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Zanelli, J. C., Andrade-Borges, J. E., & Bastos, A. V. B. (Orgs.). (2014). *Psicologia, organizações e trabalho no Brasil*. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed.

White, M., & Epston, D. (1990) *Narrative means to therapeutic ends*. New York, N.Y. W. Norton.

White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. New York, NY: W. W. Norton.